

Pouso para Pensamentos e Pássaros

por Hugo Fortes*

No livro *Natural:Mente*, Vilém Flusser reflete sobre as interações entre Natureza e Cultura na sociedade tecnocientífica. No capítulo “Pássaros”, ele afirma que, no passado, as aves eram descritas como um elo entre anjo e animal, funcionando também como uma conexão entre o humano e o divino, mas, hoje em dia, perderam sua presença mítica como símbolo de liberdade. A conotação sublime do voo, que outrora se aplicava apenas aos pássaros, foi substituída pela possibilidade tecnológica de se voar em aviões e espaçonaves.

A zona de contato entre humanos e pássaros sempre foi conflituosa. Para se aproximar dos pássaros, os seres humanos os aprisionam continuamente, forçando-os a perder seu atributo mais importante: o sentido de liberdade. Os pássaros são seres vivos que compartilham o espaço urbano conosco, têm necessidades que dificilmente compreendemos e habilidades que nunca alcançaremos. O voo tecnocientífico dos aviões pode exceder em velocidade e altura, mas não pode preencher a sensação de liberdade representada pelos pássaros.

Em minha recente exposição individual “Pouso para Pensamentos e Pássaros”, discuto estes assuntos através de vídeos, fotos, instalações, objetos e uma performance, que tratam do desejo humano de voar e os múltiplos significados dos pássaros. O vídeo “Sobrevoo”, por exemplo, é uma projeção de um único *take* filmado através das janelas de um avião que sobrevoa os arredores de Chicago. Podem-se perceber os traçados de avenidas, as fronteiras entre as propriedades rurais e a delimitação entre diferentes acidentes geográficos. As imagens, embora tenham sido obtidas fotograficamente, são bastante geométricas, devido à intervenção humana sobre o mundo natural.

Em minha exposição, além do vídeo “Sobrevoo”, também as fotografias da série “Geometria Aérea” apresentavam imagens obtidas através de vistas aéreas, nas quais as linhas geométricas se destacam. Em alemão, a palavra que descreve imagens vistas de cima é *Vogelperspektive*, que significa perspectiva do pássaro; em inglês, dizemos: *Bird's Eye View*. Ainda que adaptemos a metáfora da visão do pássaro para nossas vistas aéreas tomadas do avião, nossa visão não corresponde exatamente à forma com que um pássaro vê os territórios, e nosso voo possibilitado por essas máquinas voadoras não se desloca da mesma maneira que os pássaros livres voam no ar, movendo-se em todas as direções no espaço aberto. Vilém Flusser nos adverte que, embora sempre estejamos

acostumados a dizer que nos movimentamos no espaço tridimensional, na verdade o ser humano é preso à bidimensionalidade da superfície terrestre. Nosso corpo caminha em todas as direções, porém não é capaz de alcançar o espaço aéreo sem a ajuda de aparelhos. Mesmo nosso voo em aviões, geralmente liga dois pontos no mapa através de voos mais ou menos planos e só percebemos o seu deslocamento em eixos verticais ou diagonais no momento da decolagem e da aterrissagem. Mesmo assim, continuamos presos à planaridade oferecida pelo chão da aeronave. Já o voo dos pássaros desloca-se em todas as direções, nas diagonais, para frente, para trás, para cima e para baixo. Seu espaço é livre para todo deslocamento possível e por isso eles são tantas vezes tomados como símbolos da liberdade. (Flusser, V., 2011, 45-46).

O traçado das linhas presentes em “Geometria Aérea” e em “Sobrevoo” apresenta-se como estrutura plana, fazendo referência à cultura e contrapondo-se a organicidade tridimensional da Natureza. O traçado dos mapas depende do fato de se abstrair um espaço tridimensional para representá-lo em uma superfície plana. O princípio básico do desenho é este: representar o espaço aberto traduzindo-o para a bidimensionalidade. A bidimensionalidade é portanto uma abstração humana, na qual o humano articula os signos de sua cultura.

A bidimensionalidade e o desenho também se destacam na videoinstalação “Garças”. O trabalho consiste da projeção de um vídeo sobre desenhos. No vídeo aparecem desenhos de garças pousadas em uma estrutura, as quais de vez em quando voam de um local a outro. Embora as imagens das garças pareçam uma animação, já que só se veem seus contornos em preto e azul sobre um fundo branco plano, na verdade as imagens foram obtidas a partir de uma filmagem de garças verdadeiras apoiadas sobre um telhado de vidro existente em um parque no Brasil. Sobre essas imagens foram aplicados efeitos de computação gráfica de forma a se aproximarem de desenhos. Para reforçar esta sensação de desenho, foram acrescentados à instalação alguns desenhos em giz pastel sobre papel branco, que reproduzem várias das garças visíveis no filme. Em alguns momentos, as imagens da projeção se encaixam perfeitamente sobre os desenhos. Assim, a videoinstalação completa torna-se uma mistura de elementos em movimento e outros estáticos. Alguns pássaros parecem vivos, enquanto outros permanecem estáticos, como espectros que pairam em um espaço indefinido.



Réquiem IV, Hugo Fortes, Fotografia, 2016

Na exposição “Pouso para Pensamentos e Pássaros”, os pássaros aparecem também através da série de fotografias “Réquiem” e da fotografia “Fênix”. “Réquiem” é um conjunto de quatro fotografias que retratam a morte de pássaros de diversas formas. “Réquiem I” é a fotografia de um fóssil de um dos primeiros animais alados terrestres, o *Archaeopteryx lithographica*, que faz parte atualmente da coleção do Museu de História Natural de Berlim. “Réquiem IV” também foi fotografado no Museu de História Natural de Berlim, e retrata pássaros taxidermizados e etiquetados, acondicionados em uma caixa com divisórias. Já as fotografias “Réquiem II” e “Réquiem III”, não retratam peças da coleção de um museu de história natural, mas sim pombas urbanas mortas, bastante comuns de serem encontradas na cidade de São Paulo. “Réquiem II” mostra uma pomba encontrada em estado de decomposição. “Réquiem III” retrata uma pomba atropelada. Estas duas fotografias de pombas sofreram intervenções cromáticas digitais, com o intuito de aumentar o seu estranhamento.

Este conjunto de fotografias mostra mortes de pássaros em diferentes situações, espaços e tempos. O animal alado morto parece ser o contrário do sonho de liberdade que ele representa. Morto, ele torna-se objeto, que pode ser eternizado em fóssil, taxidermizado, classificado e estudado pela ciência, ou simplesmente ter sua morte ignorada pelos habitantes das metrópoles, ser atropelado, apodrecer, desaparecer, sem que nos demos conta de sua existência como indivíduo. Mesmo que a repetição da morte, que se dá na sequência de fotografias, possa simbolizar um fardo pesado e inexorável, por outro lado, posso pensar que a repetição da morte em tempos e espaços tão distintos e distantes seja apenas uma prova da continuação da vida, não individualmente, mas como espécie, ao menos.

Os trânsitos entre a vida e a morte são atributos dos espíritos, entre os quais se incluem os anjos, dos quais os pássaros são o correspondente terreno mais direto.

“Para os nossos antepassados, o pássaro era elo entre animal e anjo. Não é anjo ainda, porque é sujeito ainda à atração da Terra. Levanta da Terra, concentra seu interesse sobre a Terra, volta para a Terra e faz sobre ela seu ninho. É mão ligada ao corpo da Terra por braço invisível. Anjo é pássaro extraterreno. “. (Flusser, V., 2010, p. 47-48)

Flusser adverte, entretanto, que na atualidade recente, os “pássaros deixaram de ser aqueles entes que habitam o espaço entre nós e o céu, para se transformarem em entes que ocupam o espaço entre os nossos automóveis e nossos aviões de passeio”(p.41) . Deixaram de ser seres aproximados dos anjos para “tornarem-se objetos de estudo do comportamento em grupos”. Na sociedade tecnológica, em que o voo não é mais exclusividade dos pássaros, mas pode ser acessado facilmente por meio de aviões, o voo deixou de ser um sonho inatingível. Este sonho, entretanto, ao ser realizado, destruiu parcialmente o caráter sublime que o voo possuía para nossos antepassados. Embora a cultura, por hora, pareça se sobrepor à Natureza, e embora possamos voar mais alto e mais rápido que os pássaros em nossos jatos tecnológicos, em alguns de nossos sentimentos permanece o mito do voo como símbolo de liberdade. O voo do pássaro é símbolo metafísico, que remete à superação da gravidade, à eliminação do peso da matéria e ao alcance do espaço espiritual.



Fênix, Hugo Fortes, Impressão Digital, 2016

Em “Fênix” esta sensação torna-se ainda mais clara. “Fênix” é uma impressão digital produzida a partir da manipulação fotográfica eletrônica. A imagem original foi captada por mim a partir de uma fotografia de uma pomba atropelada. A imagem era bastante forte, pois a pomba já estava praticamente toda destruída, achatada, devido ao fato de vários automóveis já terem passado por cima dela. Quase não se reconhecia mais sua forma, viam-se apenas algumas de suas vísceras e penas.

Inicialmente havia pensado em utilizar a imagem original na exposição, porém incomodou-me exibi-la daquela maneira. Assim, comecei a fazer algumas experimentações com a manipulação digital. Inicialmente alterei as cores da fotografia, ressaltando os tons de preto e branco e algumas partes em azul. Depois, veio-me a ideia de duplicá-la de forma espelhada. Ao duplicá-la, a imagem pareceu apresentar duas asas prontas para o voo. Para mim, revelou-se uma transformação ocorrida no significado da imagem: enquanto a imagem original apresentava um pomba morta e destruída, a imagem final mostrava um ser alado de caráter mais “espiritual”, pronto para o voo. Este ser alado, era portanto uma espécie de renascimento das cinzas da pomba morta.



Revoar (Flutter), Hugo Fortes, Detalhe de Instalação: Livros, pigmento, ovos e outros materiais, 2018

O artista, muitas vezes, parte da matéria para alcançar mundos imateriais. Ele precisa da imanência do mundo para alcançar a transcendência. Os pensamentos artísticos, não permanecem puramente no mundo metafísico das ideias, distanciado do mundo material, mas necessitam encarnar a matéria e transformar-se em imagens para dar origem a novos pensamentos em voo. Estas reflexões estão no cerne da criação da instalação “Revoar”, que também compunha a exposição “Pouso para Pensamentos e Pássaros”. A instalação consiste de uma grande quantidade de livros antigos, que são colocados abertos perpendicularmente a parede,

dando a impressão que flutuam. As páginas abertas em “V” lembram asas e remetem aos desenhos simplificados que as crianças costumam fazer para representar pássaros voando. Sobre os livros há diversos materiais colocados, como carvão, pedras, pigmento azul ou verde, comida para pássaros, cascas de ovos, plantas secas, escamas de parafina, penas de pombos e algumas esculturas de chumbo que lembram penas. No conjunto, os livros remetem a uma grande revoada de pássaros.

Em “Revoar”, os livros escolhidos são livros da ciência do direito. Imaginei que seria interessante utilizar livros que apresentassem leis humanas, que tem por objetivo regular a sociedade, impondo normas de conduta e restrições, em contraposição ao simbolismo de liberdade que representa o voo dos pássaros e as matérias informes e orgânicas da Natureza. Por outro lado, as leis do direito, não podem ser puramente vistas como restritivas; elas são, em última instância, a garantia da liberdade individual, que só pode ser atingida através da regulamentação social. Os livros representam ainda a liberdade de voo dos pensamentos.



Manuais de Voo, Hugo Fortes, Livros de Artista, 2016

Além dos livros da instalação “Revoar”, havia na exposição também os “Manuais de Voo”. “Manuais de voo” são livros-de-artista cujas páginas tem o formato de asas. Cada livro possui cerca de 250 páginas e ao serem abertos suas páginas se assemelham a asas. Os livros não possuem texto. Não há instruções que nos ensinem a voar.

A dificuldade do voo é também tematizada no trabalho “Apenas”. O trabalho consiste de uma caixa de madeira revestida internamente por espelhos, que contém penas reais de pombo e outras penas feitas de chumbo. As penas de chumbo foram recortadas manualmente em folhas de chumbo e posteriormente tiveram suas nervuras desenhadas por meio de estilete e outros objetos de metal. O resultado foi bastante próximo das penas reais, também em função da cor cinza do chumbo, que se assemelha a cor das penas de pombo. O chumbo apresenta-se como um material bastante simbólico na constituição do trabalho “Apenas”. Ao contrário da leveza características das penas, surge o peso das penas de chumbo, que impossibilitam o voo. Penas de chumbo poderiam portanto representar as penalidades humanas e os pesos metafóricos que carregamos.



As dificuldades do voo, pelo aprisionamento no corpo e pela ausência de asas apareciam na performance “Escápulas”, de Síssi Fonseca. Nela, a artista surge sentada no alto de um dos painéis do espaço expositivo. Pousada ali, com as costas nuas, seu corpo relembra as esculturas neoclássicas. Pouco a pouco, a performer movimenta seus braços remetendo a uma vontade de voo. Porém, suas mãos se dirigem para as costas, a buscar asas que não encontram. A ação torna-se mais tensa e a artista começa a arranhar suas próprias costas, como se pudesse rasgá-las para libertar seu voo interno. Suas unhas traçam desenhos nas costas, fazendo o sangue fluir sob a pele, que se enche de vermelho. Ao final, restam cicatrizes que traçam sobre as costas um mapa das asas inexistentes. Alcançar voo não é para corpos humanos, talvez apenas para nossos pensamentos e espíritos. Estamos ligados à terra, fincados na vida, mas também sobrecarregados com o peso da morte. Vida e morte são nossa nascente e foz, espaços transitórios em que nos lançamos a sobrevoos possíveis.

“Foz” é o título de um vídeo no qual pássaros voando em bandos surgem e desaparecem por entre brumas. As imagens foram captadas nas Cataratas de Foz do Iguaçu, no Brasil, que as andorinhas sobrevoam constantemente. Suspeita-se que elas façam ninhos por trás da cortina das águas. O espetáculo é estarrecedor, trata-se de um turbilhão de vida incessante em meio a um despenhadeiro de água e neblina. Estar lá e presenciar seu voo é um encontro com o Sublime. A luz difusa deste espaço enevoado já foi um dos grandes temas dos artistas românticos. Sobre neblinas, Vilém Flusser também escreve, procurando diferenciar as brumas metafóricas daquelas presentes na Natureza. Ao observar a neblina que envolve sua casa, Flusser reflete sobre a busca do conhecimento contrapondo diferentes vertentes epistemológicas da filosofia:

“(…) é possível dividir a humanidade em dois tipos: os que gostam e os que não gostam da luz difusa. Os fãs de histórias misteriosas e os que resolvem palavras cruzadas. Os profundos e os iluministas. Os inspirados e os desconfiados. Os que estão interessados no fundo geral e universal do qual as coisas se destacam vagamente e os que estão interessados nas diferenças pelas as quais as coisas se distinguem. Em suma, o metafísico e os fenomenologistas. O primeiro tipo procura penetrar pela neblina, o segundo procura removê-la. Porque o primeiro a afirma e o segundo a nega. São, creio, duas atitudes fundamentalmente opostas e entre elas se ergue o grande divisor de águas que divide a humanidade. Mas se trata de atitudes, não de situações diferentes. Todos os homens, por serem homens, estão na neblina, queiram ou não queiram.” (Flusser, V. 2010, p. 150)

Ao aproximar-me de pássaros, mergulho na neblina. Procuo compreender este animal alado, ainda que não alcance seu voo. Voar livre pelos ares, escolhendo seu destino, é algo que compete somente às aves. Os homens, ao tentar voar, devem se posicionar à beira do despenhadeiro, estando mais próximos da queda do que dos céus.



Caspar David Friedrich e Eu, Hugo Fortes, Fotoperformance, 2016

É por isso que me apresento como um caminhante que se questiona diante das brumas, fazendo referência direta à pintura “O caminhante sobre o mar de névoa”, de Caspar David Friedrich (1774-1840) Trata-se de um autorretrato do artista no alto de um vale com picos nevados rodeados por neblinas. É uma cena icônica da representação do sublime, em que o homem se questiona diante da imensidão, do vazio e do mistério do mundo natural.

Não podemos mais vivenciar o sublime como viam nossos antepassados, já que nossos aviões voam mais alto que os pássaros e nossa cultura tecnocientífica já traçou sua geometria em nossas paisagens e transformou os seres alados em animais empalhados, classificados e guardados em caixas que exibem sequências de mortes. A história, entretanto, não é uma pura sucessão de fracassos, mas nos ensina que entre as mortes e as agruras dos despenhadeiros, há sempre renascimentos e ninhos. Mesmo que nossa neblina pareça artificial, ou coberta por camadas e mais camadas de ideologias, ciências, mitologias, e tecnologias, não podemos deixar de buscar um encontro com os pássaros e com as neblinas reais, com o mistério que o mundo natural nos oferece.

Admiro pássaros que constroem seus ninhos nos turbilhões das cataratas. Os pássaros me ensinam que é necessário respeitar a Natureza, e que eu também sou parte dela, com minhas capacidades e limites. Mesmo que eu não possa voar, meus pensamentos podem. Todo voo livre atravessa espaços e tempos, e exige nossos esforços humanos para que reconheçamos os animais em nós.

Referências

FLUSSER, Vilém. *Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza*. São Paulo: Annablume, 2011.

*Hugo Fortes é Artista Visual, Curador e Professor Associado da Universidade de São Paulo, Brasil. Como artista, já apresentou seu trabalho em mais de 15 países, em locais como George-Kolbe Museum Berlin, Ludwig Museum Koblenz Alemanha, Galerie Artcore Paris, Columbus University USA, Academia Real de Artes de Kopenhagen, Paço das Artes São Paulo, Brasil, Videobrasil, Centro Cultural Recoleta, Argentina, etc. De 2004 a 2006 viveu em Berlim, como bolsista do Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD), para realização de estágio doutoral. Em 2006 defendeu a tese “Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea”, que recebeu o Prêmio Nacional CAPES de Tese em Artes no Brasil. Em 2016 tornou-se livre-docente com a tese “Sobrevoos entre Homens, Animais, Tempos e Espaços: Pensamentos sobre Arte e Natureza”, na Universidade de São Paulo, onde atua como professor desde 2008. Sua pesquisa como artista e como docente é voltada pelas relações entre arte e natureza, com destaque para questões relativas à paisagem, aos animais e à água.